

work is, in fact, produced by a sharp production of estrangement. Over the last few decades, his images have fixated themselves in the horizontal support of the printed sheet, or in the verticality of walls of the exhibition space. And yet they move.

The movement of the images of Dantas come, not only from the action of moving them, as happens in his electrography works. Their kinetic energy also comes from their peculiarity, in this critical moment that interpellates the order of the things of the world directly, and the world in each of those things. Dantas is an operator of images in the same sense that Bruno Munari proposed the term “aesthetic operator”. I suggest it is on the same sense, as for example, a “camara operator”, as they look, select, and capture the images in movement. Dantas is simultaneously a “director”, following the English meaning of the word. In fact, António Dantas doesn’t perform, but operates the images, directing their way into their own self-fulfilment.

Due to this and other reasons, going back to Parikka’s “operational images”, one must highlight that Dantas’ images are, as a matter of fact, “anti-operational”. They’re “anti-operational” in the sense that the operator handles the apparatus but does it against the apparatus itself. That is, against the media determinism of the machine and its systems, Dantas looks to obtain improbable results. To paraphrase Vilém Flusser, the artist fights against a black box that stands before him, even if he places himself, much like in this situation, “inside” the machine itself.

This is not the first time that António Dantas places himself in front (or “inside”) a camera lens. Photography, when invented, was looked upon with fear – and as sacrilege – for supposedly stealing the souls of the subjects being photographed. In Ecce Algorithmus, much like previous works, Dantas risks his soul by giving his body for the camera shots. On the other hand, it is also not the first time that his picture is captured by a machine that later relays the inputs to a computer, another machine that manipulates and distorts signs. Thus, these self-portraits made by Dantas never give us an impeccable representation of the artist. Manipulation and deformation are keywords here. And so is transformation.

António Dantas might be another one of the passer-by’s observed by the Satellite. But he is, however, a restless problematizer passer-by – transformed, transformative, transformer. Without big mysteries, I tell you while I look to the satellite: “We shall not all sleep, but we shall all be transformed”.

ECCE ALGORITHMUS, 2022

Electrographic images directly pasted onto the wall. Several dimensions.

ANTÓNIO DANTAS

Nasceu na ilha da Madeira em 1954. Vive e trabalha no Funchal. “Participou em exposições, antologias e festivais dedicados à poesia visual, à electrografia e à arte postal. Inicialmente ligado às artes visuais, linguagem que continuará a desenvolver ao longo dos anos, participou em algumas das principais iniciativas da poesia visual portuguesa dos anos 80 e 90. Trabalhos seus surgem com frequência em exposições e publicações relacionadas com a copy art e arte postal realizadas no país e no estrangeiro.

Obras principais > Participou, entre outras, nas exposições de poesia visual: *Visioni, Violazioni, Vivisezioni* (Bondeno – Itália, 1982); *Poesía/83. Muestra Internacional de Poesía* (Cuenca – Espanha, 1983); *L’Insistenza del Segno* (Milão – Itália, 1984); *1.ª Muestra de Libro Objeto* (Sevilha, 1986); *Concreta. Experimental. Visual* (Bolonha – Itália, 1989; Paris, Lyon e Poitiers – França, 1990), tendo trabalhos publicados em antologias, revistas e catálogos relacionados com as poéticas experimentais. Participou nas *Bienais Internacionais de Poesia Visual e Experimental do México* (Cidade do México, 1985-86, 1990 e 1996), no *1.º Festival Internacional de Poesia Viva* (Figueira da Foz, 1987) e em *What is Watt?* (Funchal, 2001, 2003, 2005, 2007; Maia, 2006; Caldas da Rainha, 2016). Realizou as exposições individuais *Impressões* (Funchal, 1996) e *Cosmo-Grafias* (Lisboa, 1998), tendo representado a Galeria Porta 33, de que é elemento fundador, na *ARCO – Feria Internacional de Arte Contemporâneo* (Madrid – Espanha, 2000). Foi um dos responsáveis por *Filígrama*, publicação experimental colectiva dedicada à electrografia e arte postal. Mais recentemente em cooperação com António Barros, [*a l p h a b e t*] *EVENT* (Calheta, 2012), participando ainda nas exposições *Poesia Experimental Portuguesa no Brasil* (Brasília 2018 / S. Paulo 2020) e *Pensar Aragão – Mais ou Menos Exactamente* (Funchal 2021).

Biografia por Bruno Ministro
Arquivo Digital PO.EX (po-ex.net)

BRUNO MINISTRO

É investigador no Instituto de Literatura Comparada da Universidade do Porto. É doutorado em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra com uma tese sobre eletrografia e copy art. A sua investigação tem sido dedicada às múltiplas intersecções entre os estudos literários, a teoria dos meios e os estudos culturais, com ênfase na intermedialidade e nos estudos comparados dos média. Trabalha sobretudo com formas híbridas como a poesia experimental, a copy art e a literatura eletrónica, objetos sobre os quais tem publicado e apresentado investigação em revistas, livros e colóquios nacionais e internacionais.



MORADA Rua da Boa Viagem 37-A, 9054-533 Funchal
ENTRADA LIVRE Seg a Sex 9h30–17h. Encerra aos feriados
INSTAGRAM @capela.boaviagem / FACEBOOK capela.boaviagem
PROGRAMAÇÃO E COORDENAÇÃO Hélder Folgado
PRODUÇÃO Câmara Municipal do Funchal
MONTAGEM António Dantas, Carlos Marques, Hélder Folgado
TEXTO Bruno Ministro / DESIGN GRÁFICO Many Islands

ECCE ALGORITHMUS

08.04 – 17.06.2022

CAPELA DA BOA VIAGEM
Núcleo Difusor de Arte
e Cultura Contemporânea

INTERFERÊNCIA ·
INTEGRAÇÃO

ANTÓNIO DANTAS

TRANSFORMAR

POR BRUNO MINISTRO

*Eis aqui vos digo um mistério:
Na verdade, nem todos dormiremos,
mas todos seremos transformados*
1 Coríntios 15:51

Aquele que do alto tudo observa, tem nestes habitantes na terra o seu fiel rebanho. Ele, que formou os seus corações, sabe tudo o que fazem. Nada, em toda a criação, está oculto aos Seus olhos. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos Daquele a quem havemos de prestar contas no fim dos tempos. Feliz é o povo que Ele escolheu para si. Soberano, todo poderoso e onnisciente é o Satélite. Ámen.

Quando Marshall McLuhan viu a ascensão do Satélite ao reino dos céus, percebeu de imediato que ele ligaria o mundo. Ao terceiro dia, quando Friedrich Kittler olhou para o céu, percebeu que o Satélite vigiaria o mundo todo. Recentemente, com os Satélites em rotação contínua por cima do mundo, Jussi Parikka observou uma sucessão de imagens que apelidou de “imagens operacionais”. Estas são imagens produzidas por máquinas, como o satélite, mas também aquelas registadas pelo drone e pela câmara de vigilância, entre outras. A imagem está presente em todo o lado. Assim na terra como no céu. Assim nas cavernas de Lascaux como nos scripts que as codificam e reproduzem no Google Earth.

Vem por isso a propósito lembrar as palavras de Isabel Santa Clara a respeito de António Dantas quando afirmou que as suas obras se enquadram num mundo e enquadram um mundo que é o da “civilização da imagem, da imagem, da imagem”. Assim repetido e com o acrescento: “Mecanicamente colhidas, mecanicamente reproduzidas, proliferam incessantemente as imagens já sem dono”. Longe de querer apropriá-las para serem sua propriedade, Dantas tem vindo a tomar para si diferentes tipos de imagens circulantes no mundo. Através da apropriação e resignificação pela prática artística, Dantas incorpora essas imagens nos seus trabalhos e volta a colocá-las de novo em circulação no mundo. Trata-se de um ciclo potencialmente infinito. Não sei se isto serve para provar aos mais cétricos que o mundo é redondo. Serve pelo menos para dizer que ele se move – e nós nos movemos com ele.

Mais importante, serve ainda para afirmar que, se as imagens que resultam da intervenção de Dantas são já outras que não as originais uma vez transformadas pelo poder da cópia, o mundo continua porém a ser o mesmo. Para mal dos nossos pecados, há que continuar a questioná-lo, como tem sido prática crítica do artista em trabalhos a que raramente faltam a ironia e o humor. Através deles, Dantas interpela diretamente a sociedade contemporânea e questiona o lugar que o indivíduo nela ocupa. Nos seus trabalhos esse lugar pode tomar várias formas. Esse lugar está sempre abaixo do Satélite.

A prática artística de António Dantas tem-se expressado através de imagens multimodas. Em determinados momentos estas relevaram-se através da fotocópia (na eletrografia) e noutros momentos do filme (na vídeo-arte). Mais recentemente – mas não propriamente de agora – as suas operações têm investido na manipulação de imagem em *software* de edição digital, prática essa que incorpora aprendizagens das experiências anteriores.

António Dantas é um poeta da imagem em movimento. Chamá-lo de poeta não quer dizer que escreva versos.

Produzir imagens em movimento não implica chamar-lhe cineasta. Dantas é um operador de imagens. Soa estranha a expressão “operador”, mas logo o ouvido é apaziguado se considerarmos que a sua obra é de facto percorrida por uma acutilante produção de estranhamento. Ao longo das últimas décadas, as suas imagens foram-se fixando no suporte horizontal da folha impressa ou na verticalidade das paredes do espaço expositivo. Ainda assim, elas movem-se.

O movimento das imagens de Dantas não advém só do gesto de movê-las, por vezes literalmente como nas suas obras de eletrografia. A sua energia cinética vem também de estranhá-las, nesse movimento crítico que interpela diretamente a ordem das coisas no mundo e do mundo em cada uma das coisas. Dantas é um operador de imagens num sentido afim daquele que Bruno Munari propôs com o termo “operador estético”. Sugiro que o é também no sentido, por exemplo, do “operador de câmara”, sendo este aquele que olha, seleciona e captura as imagens em movimento. Dantas é ainda e simultaneamente um “director”, na acepção que no inglês se dá à expressão, traduzida por realizador ou cineasta. Talvez de facto António Dantas não *realize*, mas antes opere as imagens *dirigindo*-as rumo à sua *realização* própria.

Por esta e toda uma outra ordem de razões, para voltar às “imagens operacionais” de Parikka, há que sublinhar que as imagens de Dantas são, em rigor, “anti-operacionais”. São-no na justa medida em que o operador manuseia o aparelho mas fá-lo contra o próprio aparelho. Isto é, contra o programa determinista da máquina e dos seus sistemas, Dantas procura obter os resultados mais improváveis. Para parafrasear Vilém Flusser, o artista luta contra a caixa negra que tem diante de si, mesmo que ele próprio se coloque, como é aqui o caso, “dentro” da própria máquina.

Não é de agora que António Dantas se coloca à frente (ou “dentro”) da objetiva de uma máquina fotográfica. Essa que, quando inventada, foi olhada com medo – e também enquanto sacrilégio – por supostamente roubar a alma do fotografado. Em *Ecce Algorithmus*, como noutros trabalhos anteriores, Dantas arrisca a sua alma ao dar o corpo aos disparos da máquina fotográfica. Por outro lado, também não é a primeira vez que o seu retrato capturado pela máquina serve depois de *input* ao computador, outra máquina que manipula e distorce signos. Assim, estes autorretratos de Dantas nunca nos devolvem uma representação impecável do artista. Manipulação e deformação são aqui palavras-chave. Transformação também.

António Dantas talvez seja apenas mais um entre os transeuntes observados pelo Satélite. Mas ele é, não obstante, um transeunte irrequieto e problematizador – transformado, transformativo, transformador. Sem grande mistério vos digo enquanto olho para o Satélite: “Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados”.

ECCE ALGORITHMUS, 2022

Imagens electeográficas coladas sobre a parede.
Dimensão variável.

TRANSFORM

BY BRUNO MINISTRO

*I tell you a mystery.
We shall not all sleep,
but we shall all be transformed*
1 Coríntios 15:51

He who observes everything from the highs, has in the people of Earth, His herd. He, who transformed our hearts, knows everything that is done. Nothing, in all creation, is hidden to His eyes. Everything is uncovered and exposed to the eyes of the One who holds us accountable at the end of time. Happy are the people that He chose for himself. Sovereign, all-powerful and omniscient is the Satellite. Amen.

When Marshall McLuhan saw the ascension of the Satellite to the kingdom of the heavens, he immediately realized that it would connect the world. On the third day, when Friedrich Kittler looked up to the skies, he understood that the Satellite would watch the whole world. Recently, with the satellites in continuous rotation above the world, Jussi Parikka observed a sequence of imagens that he named “operational images”. These images are produced by machines, much like the satellite, but are also registered by the drone and surveillance cameras, among others. The image is present everywhere. On earth as in heaven. On the caves of Lascaux as in the scripts that code them and reproduce them on Google Earth.

Through these means we remember the words of Isabel Santa Clara in respect to António Dantas when she stated that his work reflects of a world that is a “civilization of the image, of the image, of the image”. She then added to those repeated words: “Mechanically harvested, mechanically reproduced, multiplied incessantly are these now ownerless images”. Far from wanting to appropriate them to be his private property, Dantas has taken for himself different kinds of images circulating the world. Through this appropriation and re-signification for artistic purposes, Dantas incorporates these images in his work and places them back into the world. It is an infinite circle. I do not know if this serves to prove to the sceptics that the world is round. It serves, at the slightest, to express that it moves – and that we move with it.

More importantly it serves to claim that, if the images are a result of the intervention of Dantas, they are no longer the originals, as they were transformed by the power of copying; the world, however, remains the same. For the sake of our sins, we must continue to question it, as has been critical practice of the artist in works that rarely lack irony and humour. Through them, Dantas questions contemporary society directly and inquires the place the individual occupies in it. In his works, this place can take many shapes. This place is always below the satellite.

The artistic practice of António Dantas has been expressed through multimodal images. In a given moment these were revealed through photocopying (in electrography) and in other moments, of film (in videoart). In the more recent times – but not appropriately from the present – his operations have invested in the manipulation of images in digital editing software, a practice that includes learning from past experiences.

António Dantas is a poet of the moving image. Calling him a poet does not mean he writes verses. Producing moving images does not imply calling him a filmmaker. Dantas is an image operator. The expression “operator” sounds strange, but the ear is appeased if we consider that his

